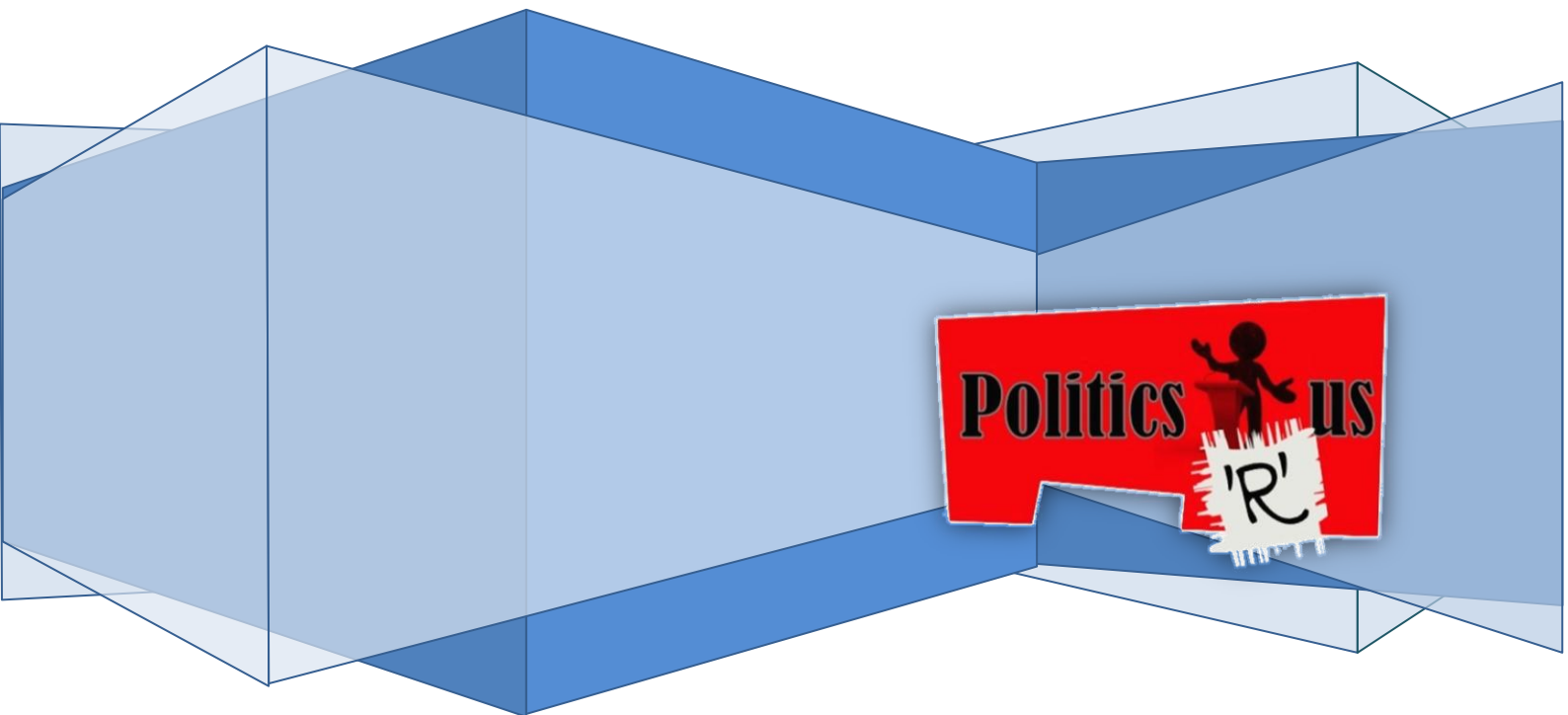




Uma Crónica Política

Livro de crónicas

Politics 'R' us



Índice

Comentários dos autores	3
As Questões do Cidadão	4
Portugal dos Pobres	5
Politicamente Correctos	6
A Arte e a Cultura, um passo para a mudança	7
Votar pela primeira vez	8
Senhores Deputados, então e o respeito?	9
Política de Corrupção	10
Crise Política	11

Comentários dos autores

Os Politics 'R' us pensaram que a elaboração de crónicas relacionadas com o tema do projecto, Política e Sociedade, constituiria uma forma interessante de suscitar o interesse dos jovens relativamente a esta temática.

Esperamos, assim, que este livro de crónicas políticas consiga cumprir a finalidade para que foi criado, ajudando-nos a alcançar os objectivos a que nos propusemos no início deste ano lectivo.

As crónicas presentes neste livro foram escritas na sua totalidade pelos elementos do grupo, sendo assim o espelho das nossas opiniões particulares e fruto das aprendizagens individuais que cada elemento retirou das actividades realizadas.



Uma Crónica Política

AS QUESTÕES DO CIDADÃO

Ao olhar para a política nos dias de hoje, é bem claro que o governo aos poucos vai caindo. E, deste modo, avizinha-se um cenário importante, o das eleições antecipadas. E quando essa altura chegar, um cidadão como eu, que vai votar pela primeira vez, se vai perguntar: “Mas voto em quem?!”

Ao olhar para o exemplo de desorientação por parte do governo face às medidas que toma, que desorientam também o povo, os cidadãos irão perguntar-se: “Mas será que os políticos ainda sabem o que andam ali a fazer?”

Ao olhar para a forma como o Estado vai engordando a sua despesa e aumentando simultaneamente a sua receita (através dos impostos, com aumentos cada vez mais frequentes) porque é que este não marca uma consulta num nutricionista, privado claro, de modo a fazer uma pequena dieta?



Ao olhar para a manifestação “Geração à Rasca”, ou para a da CGTP, para o protesto dos camionistas dos últimos dias, ou para a greve na CP, ou para a anunciada greve da TAP, o cidadão sente-se na obrigação de perguntar: “E eu?”

Ao olhar para tudo isto, constatamos que o Estado está a deixar-nos a todos à beira de um grande ataque de nervos e é nessa altura que o cidadão irá perguntar: “Porque terei de ser eu a continuar a fazer esforços?”

Daniel Borges, 22 de Março de 2011

Uma Crónica Política

PORTUGAL DOS POBRES

Actualmente vivemos uma das maiores crises a nível mundial, com o preço dos bens e serviços a aumentarem cada vez mais. A população portuguesa é uma das mais afectadas a nível económico, com rendimentos baixos e precariedade cada vez mais evidente. Derivado a esses factores, as pessoas estão cansadas de políticos incompetentes que levam o nosso país a ficar ainda mais pobre e com menor qualidade de vida. Nas últimas eleições para eleger o Presidente da República, atingimos níveis de abstenção preocupantes na nossa sociedade. A percentagem de abstenção foi de 53,3%, mais de metade das pessoas não votaram, sendo a maior percentagem desde 1976.

A passada manifestação da denominada “Geração à rasca” mostra bem o descontentamento dos portugueses em relação às políticas do nosso país, que é um dos principais alvos do governo no que toca a medidas de austeridade. Só este ano já assistimos a três programas de estabilidade e crescimento e estamos a preparar-nos para um quarto. Na altura em que escrevo isto, está a acontecer uma votação para a aprovação do PEC IV na Assembleia da República. Os partidos da oposição já fizeram saber que vão reprovar, e o governo, se o PEC não for aprovado, diz não ter condições para governar e, provavelmente, irá demitir-se.

Com a demissão do governo vamos assistir a eleições antecipadas em Portugal, e sinceramente, espero que o povo saia a rua para votar e dar a sua contribuição para mudar o rumo actual. As pessoas querem demonstrar o desinteresse nos nossos políticos porque durante os últimos anos tiveram que pagar o défice que esse mesmo governo criou, gastando o dinheiro de forma incorrecta e ficando sempre eles a ganhar, e o povo a perder. Cortam regalias e aumentam as taxas e o preço dos bens e serviços, congelam os salários dos trabalhadores da função pública, aumentam apenas em cerca de 1% os salários e, no fim, vemos esses senhores com grandes carros e a receber grandes remunerações, como se a crise e todos os esforços que são pedidos aos comuns cidadãos lhes passassem completamente ao lado, e vivessem uma realidade bem diferente da que todos nós vivemos actualmente, sufocados com dívidas e preocupados em fazer esticar ordenados que, para esses senhores, pouco mais são que gorjetas em restaurantes caros.

E são estes motivos que levam as pessoas a saírem e manifestarem-se por condições de vida melhores, e são também estes motivos que deviam levar mais gente às ruas para votar e eleger os deputados que querem ver a representar o seu país e a defender os seus direitos. Mas toda esta situação desastrosa só está a fazer com que os políticos percam credibilidade e ganhem ainda mais na percentagem de abstenção das próximas eleições.

Daniel Borges, 23 de Março de 2011

Uma Crónica Política

POLITICAMENTE CORRECTOS

Hoje em dia assiste-se a uma nova era da política em Portugal, a dos políticos politicamente correctos e esta ganha cada vez mais adesão junto dos nossos políticos. Há que, então, perceber quais as suas principais qualidades e fragilidades e o que os torna assim tão particulares.

Em primeiro lugar, há que ter em conta a tradição. A maioria dos políticos têm ou já tiveram antecedentes no mundo da política, ou o avô, ou o tio, ou a prima. E, assim sendo, há que cumprir de igual forma a tradição e seguir os seus passos. O seu estatuto será assim tanto mais elevado (ou não), quanto mais antecedentes seus passarem pela política, o que lhes dá, de certa forma, uma ilusão de poder.

Depois disso, há que perceber que um político tem também as suas obrigações. De entre elas está o “almoço de negócios”, a inauguração de algo muito importante, ou até mesmo a visita a um mercado da capital, tudo isso fulcral para o desenvolvimento e fortalecimento de uma sociedade.

É ainda de salientar que, todos os carros, casas e milhões que ganham no seu exercício político, são ganhos com muito suor, aquele que muitas vezes vemos enquanto correm as maratonas na Ponte Vasco da Gama.

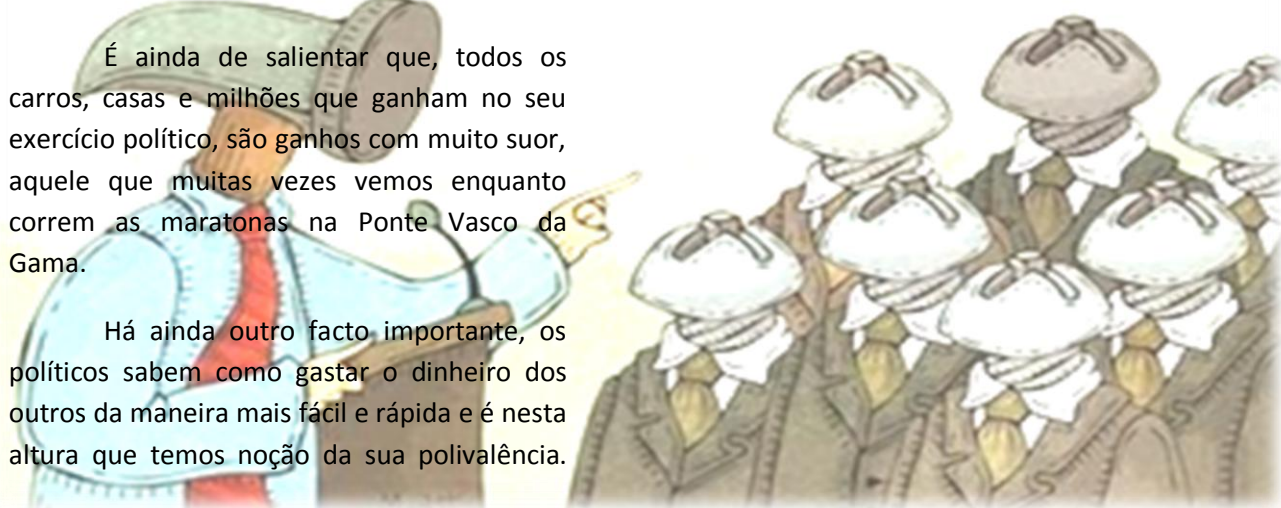
Há ainda outro facto importante, os políticos sabem como gastar o dinheiro dos outros da maneira mais fácil e rápida e é nesta altura que temos noção da sua polivalência.

De certo modo, é muito mais benéfico para si e para o seu bolso, que estará sempre pronto para intervir em acções de solidariedade, mas também para os outros, que não terão preocupações no que toca à aplicação das suas poupanças, simplesmente porque não irá haver margem de manobra para isso.

De facto, ser político até tem as suas vantagens. Para além de todos os pontos referidos anteriormente, há ainda a possibilidade de ter dois caracteres, um quando as coisas não correm bem, outro quando as coisas simplesmente não correm.

Há um grande problema em tudo isto. Todas estas atitudes, especialmente vindas deste tipo de políticos, são “audíveis” apenas pela população menos instruída, já para a mais atenta, estas são realmente vulgares e acaba por torná-los muito pouco credíveis.

Inês Costa, 2 de Março de 2011



Uma Crónica Política

A ARTE E A CULTURA, UM PASSO PARA A MUDANÇA

Carnaval rima com sátira social, mais especificamente com sátira política. Esta é utilizada mais frequentemente neste período com o objectivo de, para além de criticar, entreter. Esta é ainda mais evidente em cidades portuguesas como a de Loulé ou Torres Vedras.

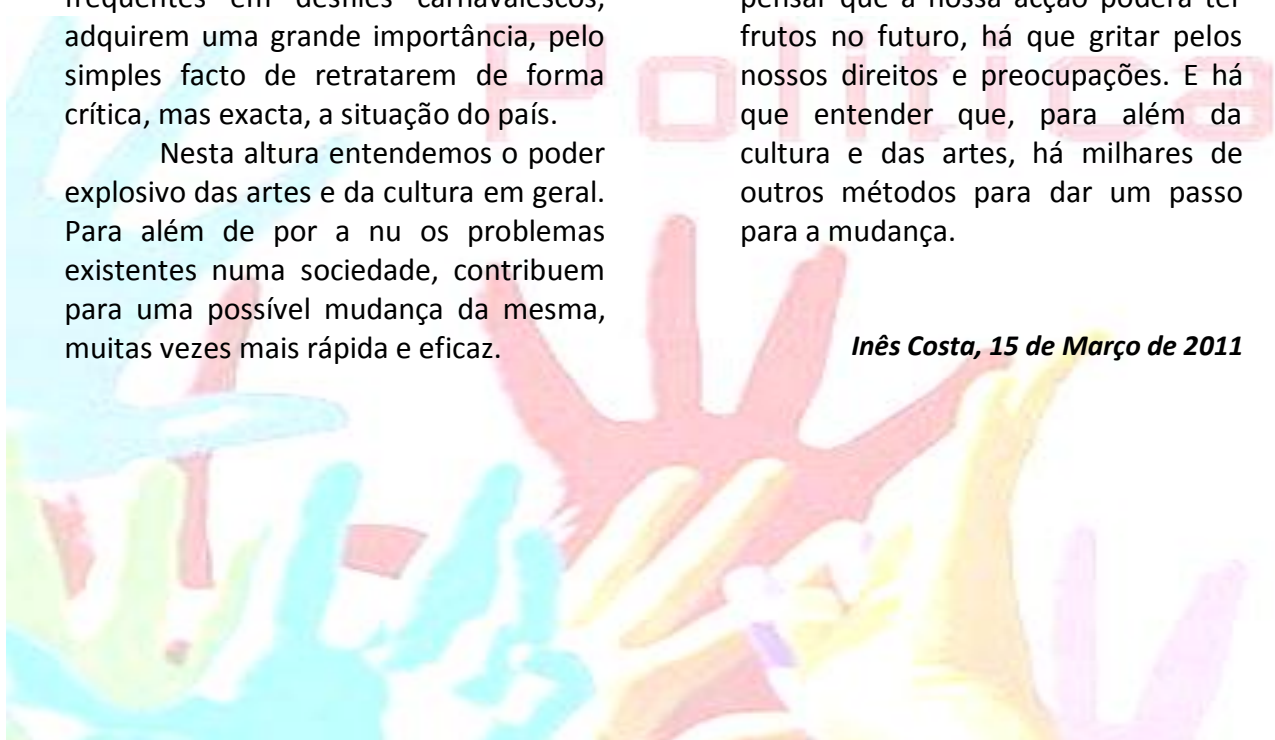
Este ano, para além dos milhares de figurantes que participaram no desfile de Carnaval, foi de notar a presença de oito carros alegóricos que satirizavam a política e a economia do nosso país. De entre eles, o de Sócrates a ordenhar uma vaca esquelética ou o da sombra do Fundo Monetário Internacional (FMI) personificada pela figura do King Kong, com a mão a esmagar os nossos políticos. É, obviamente, em tempos de crise que todos estes carros, cada vez mais frequentes em desfiles carnavalescos, adquirem uma grande importância, pelo simples facto de retratarem de forma crítica, mas exacta, a situação do país.

Nesta altura entendemos o poder explosivo das artes e da cultura em geral. Para além de por a nu os problemas existentes numa sociedade, contribuem para uma possível mudança da mesma, muitas vezes mais rápida e eficaz.

Episódios concretos como a edição da música “Que parva que sou!” pelo grupo Deolinda, que retrata de forma dura a “Geração à Rasca”, que é das mais qualificadas de sempre, mas tem trabalho precário e fica até demasiado tarde a viver em casa dos pais. Ou o facto de um grupo de comediantes, “Os Homens da Luta”, ter ganho o Festival da Canção com uma música de contestação, reflectem a forma como os portugueses se sentem, em relação a todas as injustiças e corrupção que inundam o país.

Tudo isto é fulcral para termos noção que, há que tomar atitudes, há que intervir, há que acordar um dia e pensar que a nossa acção poderá ter frutos no futuro, há que gritar pelos nossos direitos e preocupações. E há que entender que, para além da cultura e das artes, há milhares de outros métodos para dar um passo para a mudança.

Inês Costa, 15 de Março de 2011



Uma Crónica Política

VOTAR PELA PRIMEIRA VEZ

O voto é um direito e um dever de todos os cidadãos, independentemente do género, raça ou qualquer outro atributo particular. É apenas necessário ter 18 anos.

Quando completamos 18 anos de idade somos considerados aptos e responsáveis o suficiente para tomarmos decisões conscientes quanto à governação do nosso país. A nossa voz é, finalmente, ouvida e podemos, através do voto, participar na vida política do país que nos acolhe.

Votar pela primeira vez é um acto carregado de simbolismo ao qual, muitas vezes, não atribuímos a atenção necessária. Colocar o voto na urna faz-nos sentir importantes, não só pelo facto da nossa opinião ser contabilizada, mas também pelo facto de ser valorizada aos olhos de todos.

Muito mais que pôr uma cruz num quadradinho, é escolher um bom governante com base nas suas propostas e nos seus ideais. Só assim, com votos conscientes e responsáveis, temos o direito de contestar contra a governação futura se esta não nos agradar.

Talvez nos jovens que têm a oportunidade de votar pela primeira vez, visto terem completado 18 anos, esse sentimento de dever quando à participação nas eleições esteja mais presente. É, no fundo, a oportunidade de se fazerem ouvir, mostrar que cresceram e que aquilo que pensam importa.

Pela minha experiência pessoal que, com 18 anos, pela primeira vez me foi possibilitado votar, posso dizer que não coloquei sequer a hipótese de não o fazer. A sensação de ver, finalmente, a minha opinião valorizada, foi demasiado irresistível. Nem o frio que se fazia sentir na tarde de 23 de Janeiro me impediu de me deslocar à minha secção de voto. Contudo, a percentagem de abstenção foi bastante elevada. Mais de metade da população decidiu não sair do conforto da sua casa ou, pelo menos, não se dirigir à urna.

Votar é um dever, mas também um direito, do qual, pelo menos eu, não penso abdicar. Acima de tudo, porque cada opinião conta e um Estado democrático se constrói com a participação de todos.

Mafalda Gomes, 25 de Janeiro de 2011

Uma Crónica Política

SENHORES DEPUTADOS, ENTÃO E O RESPEITO?

Todo e qualquer cidadão tem o direito a assistir a sessões no Plenário, se assim o desejar, direito esse que permite um maior contacto com a política assim como com os problemas actuais da sociedade, tão debatidos na referida na Câmara.

Parece-me a mim de louvar o facto de nós, *Politics 'R' us*, um grupo formado por quatro jovens (salientando o facto de se associarem à nossa faixa etária adjectivos como "desinteressados" e "desrespeitadores", entre outros tão ou mais desagradáveis) ter sentido a necessidade de presenciar uma dessas sessões.

Acordámos cedo no dia 18 de Fevereiro, com o intuito de não chegarmos atrasados, sabendo nós de antemão que as sessões no Plenário têm início às dez horas da manhã. Tal informação não deveriam ter os Senhores Deputados, visto o espaço ter começado a mostrar-se mais completo apenas por volta das onze horas. Contudo, e apesar de pouco respeitosos, atrasos são sempre algo que podemos compreender. É tão bom dormir até tarde!

De chocar, é o facto de as palavras proferidas pelo deputado que iniciou a sessão não terem conseguido chamar a atenção dos restantes (poucos) deputados presentes. Mas não foi o único a não conseguir captar a atenção

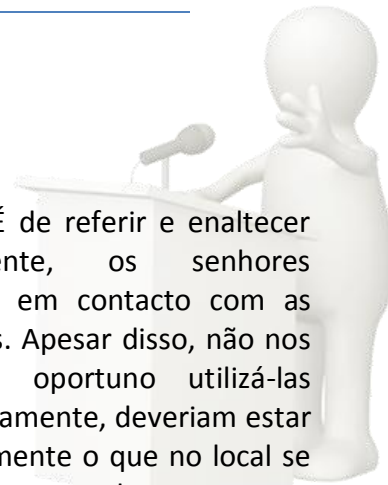
dos deputados! É de referir e enaltecer que, actualmente, os senhores deputados estão em contacto com as novas tecnologias. Apesar disso, não nos pareceu a nós oportuno utilizá-las enquanto, supostamente, deveriam estar a escutar atentamente o que no local se dizia. Seria, pelo menos, de esperar que fingissem demonstrar interesse. Aulas de representação talvez ajudassem. Atender telefonemas, utilizar o *facebook* ou deambular pelo Plenário não são, seguramente, formas de fazê-lo.

Embora tenham sido discutidas questões importantes, a que alguns deputados deram a devida atenção, a sessão a que assistimos pareceu-nos dotada de um ligeiro (que de ligeiro teve pouco) desrespeito.

Há que começar a levar este trabalho a sério, Senhores Deputados. Contamos convosco para que se façam ouvir as vozes dos cidadãos que necessitam, simultaneamente, de ser escutadas e de ser compreendidas. Cabe-vos a vós essa difícil tarefa, mas esperamos, e ainda confiamos, que consigam cumpri-la.

Muito obrigada Senhores Deputados, ficamos à espera de melhores participações e, já agora, de um pouquinho mais de respeito.

Mafalda Gomes, 18 de Fevereiro de 2011



Uma Crónica Política

POLÍTICA DE CORRUPÇÃO

A corrupção política é o uso das competências legisladas por funcionários do governo para fins privados ilegítimos. Existem muitos meios de praticar corrupção, que desconhecia por completo, como o suborno, extorsão, nepotismo, clientelismo, corrupção e peculato. Embora a corrupção possa facilitar negócios criminosos como o tráfico de drogas, lavagem de dinheiro e tráfico de seres humanos, não se restringe a essas actividades.

Existem diversos casos de corrupção em Portugal que se prolongam durante anos e anos, em parte porque o nosso sistema judicial é inerte, fraco e, como senão bastasse, corrupto também. Ironia? Infelizmente, não. Pergunto-me então, como é que é possível tratar e julgar casos de corrupção se o próprio “sistema” é corrupto? Estes casos, a meu ver, parecem impossíveis de julgar de uma forma justa, a menos que “caia” do céu algum benfeitor que tenha a mínima dignidade e que não ligue aos bens monetários, dando maior importância aos valores morais. É certo que nem todas as pessoas são regidas pelos mesmos valores morais, mas também é certo que existem países com pequenos níveis de corrupção. Países em que a sociedade é responsável e tem noção que se “roubarem” o próprio Governo ou outro tipo de entidades públicas ou privadas, só estarão a roubar a eles mesmos. A Finlândia, a Noruega e a Dinamarca são países altamente desenvolvidos, consequentemente com

níveis de corrupção quase nulos. Nestes países as pessoas são cultas, informadas e respeitadoras quanto às normas existentes, mas o mesmo não acontece em Portugal.

Casos como “Face Oculta”, “Caso Freeport”, “Processo Portucale” são conhecidos diariamente através dos meios de comunicação e envolvem milhões de euros, em que muitos ficaram a ganhar à custa do Estado. Todo esse dinheiro representa grande importância para o povo português, porque é com o dinheiro de todos nós, enquanto contribuintes, que muitos destes casos se desenvolvem.

Para comprovar, Portugal surge na 32.^a posição no quadro dos 178 países analisados pela Transparência Internacional (TI) quanto à percepção da corrupção, quando em 2009 aparecia em 35.^o lugar, que foi a pior posição de sempre desde 2000. É tempo de acabar com os frequentes casos de corrupção que assombram a nossa história há vários anos, que só nos deixam envergonhados, pobres e imorais.

A corrupção é, também, umas das principais causas para a situação económica global, em que os pobres ficam mais pobres e os ricos cada vez mais ricos. Se os governos não estipularem normas severas para impedir que tal se suceda, a sociedade corrupta não terá fim previsto.

Mónica Pereira, 18 de Março de 2011

Uma Crónica Política

CRISE POLÍTICA

Recentemente nos noticiários tem sido relatado que o nosso país está à beira de uma crise política. Esta situação é razão para uma grande preocupação por parte de todos nós, algo a que nem todos dão a devida importância. E porque é que entrar em crise política num momento como este é assim tão grave?

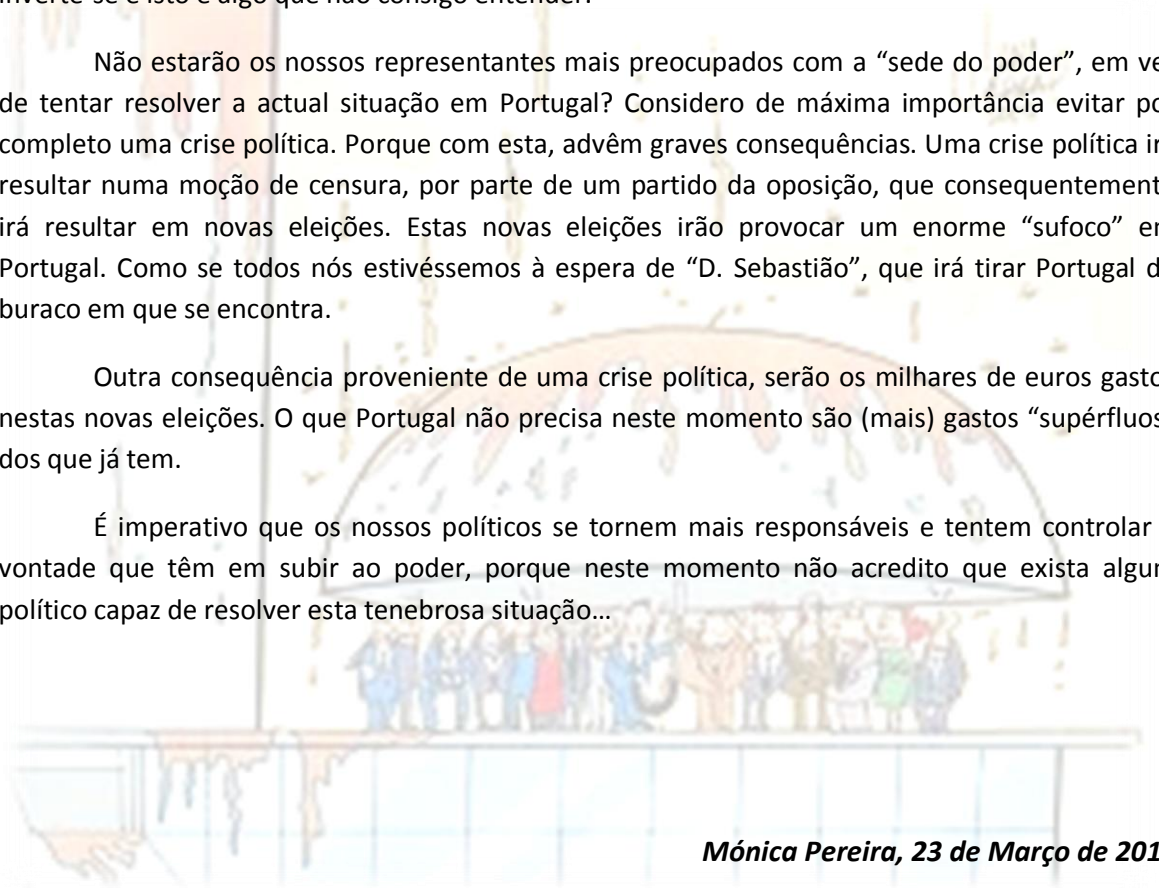
É certo que a crise económica e fiscal veio para ficar e melhores tempos não se avizinham. Enquanto as famílias portuguesas lutam todos os dias para sobreviver ao próximo mês, fazendo esforços enormes, os nossos políticos estão a criar uma pequena guerra interna, pela luta pelo poder.

O nosso primeiro-ministro diz querer negociar novos cortes com o principal partido da oposição (PSD), no entanto o mesmo não quer negociar. Semanas mais tarde, o mesmo cenário inverte-se e isto é algo que não consigo entender.

Não estarão os nossos representantes mais preocupados com a “sede do poder”, em vez de tentar resolver a actual situação em Portugal? Considero de máxima importância evitar por completo uma crise política. Porque com esta, advêm graves consequências. Uma crise política irá resultar numa moção de censura, por parte de um partido da oposição, que consequentemente irá resultar em novas eleições. Estas novas eleições irão provocar um enorme “sufoco” em Portugal. Como se todos nós estivéssemos à espera de “D. Sebastião”, que irá tirar Portugal do buraco em que se encontra.

Outra consequência proveniente de uma crise política, serão os milhares de euros gastos nestas novas eleições. O que Portugal não precisa neste momento são (mais) gastos “supérfluos” dos que já tem.

É imperativo que os nossos políticos se tornem mais responsáveis e tentem controlar a vontade que têm em subir ao poder, porque neste momento não acredito que exista algum político capaz de resolver esta tenebrosa situação...



Mónica Pereira, 23 de Março de 2011

